
OLAVO BILAC E A VELHICE: ENUNCIÇÃO SOB VERSOS PARNASIANOS¹

Renan Ramires de Azevedo²

Resumo: Este artigo se desenvolve no intuito de promover um exercício analítico semiótico sobre enunciação e discurso literário. Nesse sentido, os objetos estipulados para análise foram os poemas *A velhice* (2019) e *As Velhas Árvores* (2001) de Olavo Bilac. A escolha dos poemas se deu de maneira parcialmente arbitrária, observando alguma possível singularidade na temática entre ambos. O aparato teórico-metodológico da análise é o da semiótica discursiva, mais especificamente, a partir dos alicerces do nível discursivo do percurso gerativo de sentido (GREIMAS, 1966). As leituras norteadoras para a pesquisa foram as obras de Bertrand (2013) e Fiorin (2000, 2011). Com a análise foi possível observar a maneira pelas quais os dois textos-poemas se utilizam para construir seus sentidos associados à mesma temática. Por exemplo, o primeiro poema, *A velhice* (2019), por meio das instâncias actanciais, temporais e espaciais ressoam efeitos de sentidos de proximidade com o enunciatário, na tentativa de se aproximar da realidade; enquanto o poema *As Velhas Árvores* (2001), por meio de seus temas e figuras evidenciadas pela presença de comparação e personificação, constroem também o cenário enunciativo à temática da velhice.

Palavras-chaves: Semiótica Discursiva. Discurso Literário. Olavo Bilac. Enunciação.

OLAVO BILAC AND OLD AGE: ENUNCIATION UNDER PARNASSIAN VERSES

Abstract: This article is developed in order to promote a semiotic analytical exercise on enunciation and literary discourse. In this sense, the objects stipulated for analysis were the poems *A velhice* (2019) and *As Velhas Árvores* (2001) by Olavo Bilac. The choice of poems was partially arbitrary, observing some possible singularity in the theme between them. The theoretical-methodological apparatus of the analysis is that of discursive semiotics, more specifically, from the foundations of the discursive level of the generative path of meaning (GREIMAS, 1966). The guiding readings for the research were the works of Bertrand (2013) and Fiorin (2000, 2011). With the analysis, it was possible to observe the way in which the two texts-poems are used to build their meanings associated with the same theme. For example, the first poem, *A velhice* (2019), through actential, temporal and spatial instances resonate effects of senses of proximity to the enunciatee, in an attempt to get closer to reality; while *As Velhas Árvores* (2001), through their themes and figures evidenced by the presence of Comparison and Personification, also build the enunciative scenario to the theme of old age.

Keywords: Discursive Semiotics. Literary Discourse. Olavo Bilac. Enunciation.

¹ Trabalho fruto da disciplina “Enunciação e Discurso Literário, do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

² Mestrando em Estudos de Linguagens (PPGEL), na Linha de Pesquisa Práticas e Objetos Semióticos. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Membro do Grupo de Estudos Semióticos de Mato Grosso do Sul (SEMIOMS). E-mail: renan_ramires@outlook.com

1. Introdução

O olhar semiótico é aquele que detecta, detrás das grandezas expressas no texto, valores de ordem actancial, modal, aspectual [...] mantendo entre si, interações sintáticas (TATIT, 2001, p. 14-15).

O objetivo do nosso trabalho é o de realizar um exercício analítico semiótico sob os poemas *A velhice* (2019) e *As Velhas Árvores* (2001) de Olavo Bilac como objeto de análise. Nesse movimento o enfoque será de observar o funcionamento enunciativo dos poemas a partir do aparato teórico-metodológico da semiótica discursiva.

O processo de realização da presente pesquisa se deu, antes de tudo, a partir da seleção do objeto de análise. A seleção ocorreu por meio de investigações as quais delinearam um panorama escasso dos estudos semióticos sobre a poesia de Bilac Assim, a partir da percepção de escassez de pesquisas nesse campo que tomaram a obra de Olavo Bilac como objeto, decidimos, por isso, selecionar dois poemas do autor. Os poemas selecionados foram *A velhice* (2019) e *As árvores velhas* (2001), ambos os poemas com uma temática em comum: a velhice, dado por isso, o critério de seleção dessas. Depois da seleção do objeto de análise, realizamos leituras de textos teóricos no que concernem à Semiótica Padrão, bem como textos relacionados às questões de Enunciação, propriamente ditas.

Sobre algumas breves considerações sobre Olavo Bilac especificamente, vale ressaltar que o poeta:

Olavo Bilac (Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac), jornalista, poeta, inspetor de ensino, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 16 de dezembro de 1865, e faleceu, na mesma cidade, em 28 de dezembro de 1918. Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, criou a cadeira nº. 15, que tem como patrono Gonçalves Dias (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, s/a, s/p).

Frisamos que não trouxemos algumas considerações históricas a fim de considerar como fator contribuinte à análise, mas para não deixar de mostrar quem foi Olavo Bilac e até para justificar o porquê da realização deste trabalho sobre seus textos. Sobre essa premissa, sobre a relação entre História e a análise Semiótica, lembra-nos os preceitos de Fiorin (2011) que nos afirma:

A Semiótica narrativa e discursiva, herdeira de Hjelmslev, nas pegadas desse autor, não recusa a História, ela leva em conta a historicidade dos textos. É preciso, no entanto, ver como ela o faz. Evidentemente, ela recusa a ideia de que estudar a

historicidade de um texto é contar anedotas a respeito de suas condições de produção: o autor (biografia, etc.), o lugar, à época (FIORIN, 2011, p. 16).

Portanto, conforme afirma Fiorin (2011), é correto deferir amostras do contexto histórico ou biográfico de produção, não como contribuintes a análise, mas contribuintes a apresentação do objeto. O evidenciado no texto revela sobre a história, ainda que por vezes parcialmente, ocorrendo também de forma inversa - a história relevar sobre o texto.

2. Sobre a semiótica discursiva

Quando referimos sobre o presente trabalho estar equiparado aos preceitos teóricos da semiótica, referimo-nos, especificamente à semiótica discursiva, advinda da Escola de Paris, a qual teve como um dos seus principais fundadores Algirdas Greimas, com a obra inaugural *Semântica Estrutural* (1966). É importante as presentes considerações colocadas, pois, além da Semiótica Discursiva, de Greimas, também há outras teorias semióticas as quais se empenham analisar o sistema dos signos dos textos.

No sentido de nossa perspectiva, da semiótica discursiva de Greimas, refere-se a uma teoria em que, segundo o *Dicionário de Semiótica* (2021), tem como seu papel efetivo o de: “A teoria semiótica deve apresentar-se inicialmente como o que ela é, [...] como uma teoria da *significação*. Sua primeira preocupação será, pois, explicitar, sob forma de construção conceitual, as condições de apreensão e da produção do sentido” (GREIMAS; COURTÉS, 2021, p. 455, grifos do autor).

Essa teoria oferece como ferramenta teórica-metodológica o chamado percurso gerativo do sentido, percurso esse que “vai gerando o sentido total do texto, partindo do nível mais abstrato e simples até o nível mais concreto e complexo” (BATISTOTE, 2012, p. 34), sendo subdividido em três níveis nesse processo: o nível fundamental, o nível narrativo, e o nível discursivo (BARROS, 2005). Nesse sentido, quando falamos em Enunciação, nos referimos a uma primeira parte do terceiro nível, referente a Sintaxe Discursiva. Essa tratando sobre as projeções actanciais, temporais e espaciais da enunciação.

Já a outra parte do nível discursivo que também utilizamos para análise, é a da Semântica Discursiva, remete-se às questões temáticas e figurativas da superfície discursiva. A tematização e figurativização, segundo Fiorin (2000): “são dois níveis de concretização do sentido” (FIORIN, 2000, p. 90) e “correspondem ao enriquecimento semântico do discurso já

mencionado” (BARROS, 2019, p. 206). Sobre a tematização, especificamente, é quando ocorre a disseminação no discurso dos traços semânticos tomados de forma abstrata. Já a figurativização são traços semânticos somados a traços sensoriais, elementos que causam um efeito de concretização sensorial (BARROS, 2019, p. 206).

3. A enunciação na semiótica

Antes de prosseguirmos para análise ou com preceitos outros sobre a teoria semiótica, vale ressaltarmos alguns preceitos do processo de entrelaçamento da Semiótica com a noção de Enunciação. Bertrand (2013) narra sobre esse processo, em específico, na seção intitulada “Elementos da história conceitual”, no terceiro capítulo de *Caminhos da semiótica literária*, o referido autor cria uma linha do tempo com **os passos** que a teoria em questão tomou para resolução de suas problemáticas em relação à adaptação da noção de enunciação.

A princípio, o primeiro desses “passos”, podemos assim dizer, foi o da *Supressão*, ocorrido em meados dos anos de 1960, nesse período, Greimas publica *Semântica estrutural* (1976). Com tais preocupações, a teoria assume, por questões puramente metodológicas, a retirada de todo parâmetro de subjetividade bem como das categorias que a manifestam. Assim, construía-se a objetividade do texto, reduzindo o que se concebia de enunciação, propondo a análise sob um método estritamente calcado no discurso debreado. Com isso, Bertrand afirma que:

essa exclusão radical, mas provisória, pôde ser posta em questão quando veio à luz a possibilidade de reintegrar a problemática da enunciação no interior do dispositivo global da teoria semiótica, desde seus postulados até seus procedimentos descritivos. Uma nova definição do estatuto da enunciação se apresenta [...] (BERTRAND, 2003, p. 81)

A nova definição apontada por Bertrand é o próximo “passo” que a teoria tomou: o da *Pressuposição*. O passo da Pressuposição volta a considerar os “parâmetros de subjetividade” como um dos elementos metodológicos essenciais. Bertrand se utiliza da obra *Semiótica e Ciências Sociais* (1981), de Greimas, para abordar tal fase, apontando que nesse momento passa a se falar do sujeito como actante-sujeito, ou seja, considera-o na análise contudo de forma pressuposta e implícita, não fazendo parte, necessariamente, da estrutura lógico-gramatical da enunciação. Dessa maneira, “o lugar da enunciação é reconhecido na medida, e

somente na medida em que ela está logicamente pressuposta pela existência do enunciado” (BERTRAND, 2003, p. 82) e o “sujeito do discurso é então concebido como uma instância em construção, sempre parcial, incompleta e transformável, que apreendemos a partir dos fragmentos do discurso realizado” (BERTRAND, 2003, p. 83).

O terceiro passo da teoria semiótica em relação à questão de enunciação, é o da *Mediação*. Nesse momento, Bertrand (2003, p. 84) resume que: “a enunciação aparece então como a instância de mediação e de conversão crucial entre estruturas profundas e estruturas superficiais”, isto é, por meio da discursivização, a enunciação organiza a transição das formas tidas para estruturas discursivas, temáticas e figurativas, de forma a especificar no interior do discurso o sujeito pressuposto que se realiza.

Nessa perspectiva, e para além da enunciação, variados são os estudos semióticos relacionados ao discurso literário. Atualmente os programas de pós-graduação bem como as pesquisas como um todo no âmbito da semiótica, ainda produzem análises e reflexões sobre a construção de sentido do texto literário. Sobre o gênero poema, igualmente, muito se encontram análises semióticas sobre, como a análise de Almeida (2007) sobre a poesia de Manuel Bandeira, o estudo de Martins (2011) e Araújo (2021) sobre a literatura de Drummond, o trabalho de Martins (2013) sobre as obras de Guimarães Rosa, e assim por diante. Nesse sentido, os trabalhos de semiótica discursiva encontrados, via Google Acadêmico, sobre a poesia de Bilac, especificamente, foram o artigo de Lorenz (2013) que observa em variados poemas, a noção de isotopia da semiótica em questão; e o texto de Discini (2021) que realiza um cotejo entre literatura e historiografia, analisando, por meio da práxis enunciativa (BERTRAND, 2013) e da noção de *ethos* de alguns textos como o poema *O caçador de Esmeraldas*, de Bilac (DISCINI, 2021).

4. Enunciação em Bilac

Quando se diz a análise, vale lembrar que no que concerne ao percurso gerativo de sentido, conforme previsto pela semiótica francesa, contêm-se três níveis: fundamental, narrativo e discursivo. O nível que utilizamos para a análise foi o terceiro, o discursivo, tendo em vista que tal nível contempla nosso objetivo que o foi de observar como acontecia a enunciação na obra de Bilac.

Conforme o nível discursivo, no que concerne à sintaxe discursiva, especificamente,

observamos as projeções actanciais, temporais e espaciais da enunciação, concluindo que, em nosso objeto, a análise partiria para uma enunciação de segundo grau, isto é, consideramos tais projeções a partir das vozes actanciais interlocutor-interlocutário. Tal perspectiva se deu tendo em vista a maneira como se organiza a narrativa.

No que se diz a voz do enunciatário, propriamente dita, realiza-se uma debreagem enunciativa, a qual aponta, *a priori*, um afastamento do enunciatário pressuposto indicando as vozes dos interlocutores: “neto e avó”:

<p>A velhice</p> <p>O neto:</p> <p>Vovó, por que não tem dentes? Por que anda rezando só. E treme, como os doentes Quando têm febre, vovó? Por que é branco o seu cabelo? Por que se apóia a um bordão? Vovó, porque, como o gelo, É tão fria a sua mão? Por que é tão triste o seu rosto? Tão trêmula a sua voz? Vovó, qual é seu desgosto? Por que não ri como nós?</p>	<p>A Avó:</p> <p>Meu neto, que és meu encanto, Tu acabas de nascer... E eu, tenho vivido tanto Que estou farta de viver! Os anos, que vão passando, Vão nos matando sem dó: Só tu consegues, falando, Dar-me alegria, tu só! O teu sorriso, criança, Cai sobre os martírios meus, Como um clarão de esperança, Como uma benção de Deus! (BILAC, 2019, p. 51, grifo nosso).</p>
---	---

Nesse nível, os dispositivos são alterados e passam a assumir um caráter de debreagem enunciativa, pois, os sujeitos ao marcarem – seu, tu – predominantemente, assumem o – eu – também. Tal noção causa um efeito subjetivo e de proximidade, inclusive, entre os interlocutores. Além disso, tal dinâmica assim assumida como diálogo, ressoa como uma simulação de realidade, fazendo com que o enunciador, por meio da interlocução explícita, represente e se aproxime de seu enunciatário no retrato desta realidade.

Em relação à questão da temporalidade, temos, predominantemente, marcas pelas

formas verbais de presente, vejamos as marcações abaixo:

“A velhice

[...]

A Avó:

Meu neto, que és meu encanto,

Tu acabas de nascer...

E eu, **tenho vivido** tanto

Que estou farta de viver!

Os anos, que **vão passando**,

Vão nos matando sem dó:

Só tu consegues, falando,

Dar-me alegria, tu só!

O teu sorriso, criança,

Cai sobre os martírios meus,

Como um clarão de esperança,

Como uma benção de Deus!”

(BILAC, 2019, p. 51, grifo nosso).

A primeira marcação, “**tenho vivido**”, produz um efeito de sentido de anterioridade ao presente. Em contrapartida, as marcações “**Vão passando**” e “**vão nos matando**”, emitem um efeito de posterioridade ao presente. Tais movimentos, somados, resultam para o poema como um todo um efeito de sentido de passagem constante do tempo e, por conseguinte, um efeito de esgotamento próximo do mesmo. Sobre a categoria de espaço, é notado que ele não é explicitado, podendo-se recuperar o espaço *aqui*. O discurso produz, portanto, o efeito de proximidade da enunciação, por meio dos interlocutores, e, assim, causando um efeito geral de subjetividade, de envolvimento. Reforça-se a ideia e debreagem enunciativa, uma vez que a indicação é o do – agora – e do – aqui.

No que se refere à semântica discursiva, como podemos perceber no poema *A velhice*, o tema que se sobressai é o do *envelhecimento*, em concomitância com a categoria mínima fundamental *Vida vs. Morte*. Assim, percebemos que a fala da avó ao se referir ao neto, traz um discurso carregado de figuras remetentes à categoria mínima fundamental de *Vida*, como por exemplo em: “**tu** acabas de **nascer** [...] Dar-me alegria, **tu** só! / O **teu sorriso, criança**” (BILAC, 2019, p. 51, grifo nosso).

Por outro lado, o neto, enquanto se refere à avó, figurativiza a velhice com figuras que estão intrinsecamente ligadas à *Morte*, como por exemplo nos versos: “por que não tem dentes? / como os doentes / como o gelo / é tão fria sua mão [...]” (BILAC, 2019, p. 51). Ressalta-se que, por exemplo, no verso: “como o gelo / é tão fria sua mão” (BILAC, 2019, p. 51), o aparecimento de uma *comparação*, enquanto figura de linguagem, acrescentando

sentidos em torno da temática central. Sobre a utilização de figuras de linguagens, Fiorin (2000) afirma:

Nelas o narrador rompe, de maneira calculada, as regras de combinatória das figuras, criando uma impertinência semântica, que produz novos sentidos. Assim, metáfora e metonímia não são a substituição de uma palavra por outra, mas uma outra possibilidade, criada pelo contexto, de leitura de um termo (FIORIN, 2000, p. 118).

Da mesma maneira, o mesmo ocorre em outro poema de Bilac, *As velhas Árvores* (2001) que recortamos para o enriquecimento de nossa análise. Segue o poema na íntegra:

As velhas árvores

Olha estas velhas árvores, - mais belas,
Do que as árvores moças, mais amigas,
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas...
O homem, a fera e o inseto à sombra delas
Vivem livres de fomes e fadigas;
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E alegria das aves tagarelas...
Não choremos jamais a mocidade!
Envelheçamos rindo! envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem,
Na glória da alegria e da bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!
(BILAC, 2001, p. 74).

Esse segundo poema, intitulado *As Velhas Árvores* (2001), na realidade vem como um cotejamento com o primeiro a fim de não só complementar as conclusões e as possibilidades de funcionamentos enunciativos sobre uma mesma temática, mas de evidenciar sua maneira de se comportar discursivamente ao abordar um mesmo tema, como quase constituinte ao estilo de Bilac. No caso de *As Velhas Árvores* (2001), ao tratar sobre a mesma temática do *envelhecimento*, utiliza-se, efetivamente da *comparação*, novamente. Dessa maneira, a *comparação* é evidenciada, e figurativiza o tema *envelhecimento*, em momentos como no décimo e décimo primeiro versos, em que o poeta escreve: “[...] envelheçamos / como as árvores envelhecem [...]” (BILAC, 2001, p. 71). Tal figura recebe ainda pequenos efeitos de uma [quase] personificação dos seres inanimados [árvores].

Considerações Finais

A enunciação no texto literário de Olavo Bilac evidencia uma construção discursiva voltada para a produção de efeitos de sentidos sobre o tema principal dos textos recortados: a velhice. Isso foi possível depreender por meio de recursos da sintaxe e semântica discursiva oferecidos pelo percurso gerativo de sentido da semiótica discursiva. Na sintaxe discursiva, depreendemos os marcadores actanciais, temporais e espaciais que, quase o tempo todo, dialogam com tematização e figuratização da semântica discursiva, evidenciando, assim, o efeito de rebuscamento próprio no fazer literário de Olavo Bilac.

O primeiro poema, *A velhice* (2019), por meio das instâncias actanciais, temporais e espaciais ressoam efeitos de sentidos de proximidade com o enunciatário, na tentativa de se aproximar da realidade; enquanto o *As Velhas Árvores* (2001), por meio de seus temas e figuras evidenciadas pela presença de Comparação e Personificação, constroem também o cenário enunciativo à temática da velhice.

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Biografia Olavo Bilac. s/a. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/olavo-bilac/biografia>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

ALMEIDA, Dayane Celestino de. Análise semiótica do poema “Os sapos”, de Manuel Bandeira. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 5, n. 2, 2007.

ARAÚJO, Fernanda M.. Drummond: poesia e coerência, do fim ao início. *PAPÉIS*, v. 25, p. 30, 2021.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do discurso. In: FIORIN, J. L (org.). *Introdução à Linguística II: princípios de análise*. 5 ed. – São Paulo: Contexto, 2019. p. 187-220

_____. *Teoria Semiótica do Texto*. 4ª ed. São Paulo, Ática, 2005.

BATISTOTE, M. L. F. *Semiótica francesa: busca de sentido em narrativas míticas*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2012.

BILAC, Olavo. *A velhice*. In: _____. *Poesias Infantis*. Atlântico Press, 2019. p. 51.

_____. *As velhas árvores*. In: _____. *Antologia poética*. Porto Alegre: L&PM, 2001. p. 74.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EDUSC, 2003.

DISCINI, Norma. Semiótica e cultura: campos do conhecimento. *Estudos Semióticos*, v. 17, n. 2, p. 21-43, 2021.

FIORIN, J. L. *As astúcias da Enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 3. ed. - São Paulo: Editora Contexto, 2016.

_____. *Elementos de Análise do Discurso*. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. Semiótica e História. *Cadernos de Letras UFF – Dossiê: Linguagens em diálogo*, nº 42, p. 15-34, 2011.

GOMES, Gabrielly Rocha; AZEVEDO, Renan Ramires de. Carlos Drummond de Andrade: no retrato do espaço. *Revista de Estudos Acadêmicos em Letras*, v. 13, n. 1, 2020.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Semântica estrutural: pesquisa e método*. São Paulo: Cultrix, 1966.

_____. *Semiótica e ciências sociais*. Trad. Álvaro Lorencini e Sandra Nitri. São Paulo: Cultrix, 1981.

GREIMAS, Algirdas Julien.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. 2. ed. 3ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2021.

LORENZ, Roseméri. A noção de isotopia: uma aliada na leitura do texto poético. *Anais do 12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural: Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes*. Passo Fundo, 2013.

MARTINS, Geraldo Vicente. 'A terceira margem do rio': semiótica e poética em Guimarães Rosa. *Estudos Semióticos (USP)*, v. 10, p. 20-26, 2014.

_____. O desencanto no poema "A montanha pulverizada". *Todas as Letras (São Paulo. Impresso)*, v. 13, p. 127-133, 2011.

TATIT, Luiz. *Análise semiótica através das Letras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.